

Opinião de professores e estudantes sobre escolha de repertório e leitura de notação musical em aulas de piano

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA-2 Educação Musical

Rodrigo Bastos Cunha
Universidade Estadual de Campinas
E-mail: r971544@dac.unicamp.br

Resumo. No campo da música, é comum que instrumentistas formados em bacharelados atuem não apenas tocando, mas também sejam professores de seu instrumento. Tanto nas universidades quanto nos conservatórios, a institucionalização do ensino de música popular é relativamente recente, comparada à do ensino de música erudita. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de opinião sobre escolha de repertório para aulas de piano, o tipo de notação musical usada e como deve ser o primeiro contato do aluno com uma música que ele não conhece. Foi utilizada a Escala de Likert, para verificar a concordância em relação a determinadas afirmações em cinco níveis: concordância total, concordância parcial, neutralidade, discordância parcial e discordância total. Um questionário com 15 perguntas foi respondido por 155 pianistas de todo o país, tanto com formação erudita quanto popular, entre professores e estudantes de bacharelados em piano erudito e popular e licenciaturas em música e em piano, que atuam no ensino do instrumento. Entre os resultados, a afirmação de que a escolha do repertório depende do interesse do aluno tem um índice de concordância maior do que a afirmação de que a escolha do repertório depende do tipo de formação do professor, seja em piano erudito ou popular. A afirmação de que as aulas de piano podem envolver a leitura tanto da notação tradicional quanto de melodias cifradas foi a que atingiu o maior índice de concordância, sendo que a maioria do grupo de bacharelado em piano popular concorda totalmente.

Palavras-chave. Ensino de piano, Leitura musical, Escolha de repertório.

Opinion of teachers and students on choosing repertoire and reading musical notation in piano classes

Abstract. In the field of music, it is common for instrumentalists with bachelor's degree to not only play, but also be teachers of their instrument. Both in universities and conservatoires, the institutionalization of popular music teaching is relatively recent, compared to classical music teaching. This paper presents the results of an opinion survey on the choice of repertoire for piano classes, the type of musical notation used and what the student's first contact with a music they do not know should be like. The Likert Scale was used to verify agreement in relation to certain statements at five levels: total agreement, partial agreement, neutrality, partial disagreement and total disagreement. A questionnaire with 15 questions was answered by 155 pianists from across the country, both with classical



and popular training, including teachers and students of bachelor's degree in classical and popular piano and licentiate's degree in music and piano, who work in teaching the instrument. Among the results, the statement that the choice of repertoire depends on the student's interest has a higher level of agreement than the statement that the choice of repertoire depends on the teacher's type of training, whether in classical or popular piano. The statement that piano classes can involve reading both traditional notation and lead sheet was the one that reached the highest level of agreement, with the majority of the group of bachelor's degree in popular piano completely agreeing.

Keywords. Piano teaching. Music reading. Choice of repertoire.

Introdução

O ensino de piano acontece em diversos contextos: aulas particulares, conservatórios, escolas particulares de música, projetos sociais, projetos de extensão universitária voltados para a comunidade externa e, é claro, nos cursos universitários de música, não apenas nos bacharelados em piano, mas também em disciplinas de piano voltadas para estudantes de licenciatura em música ou de outros bacharelados em instrumento, regência ou composição que oferecem o piano como instrumento complementar.

A maioria dos mais de cinco mil municípios brasileiros não tem um conservatório. Onde há, alguns são públicos, como o de Uberlândia (MG), e outros são privados, como o Conservatório Carlos Gomes, em Campinas (SP). Atualmente, essas instituições contemplam tanto o ensino de piano erudito – que predomina na tradição conservatorial, desde a chegada desse modelo de educação musical no Brasil, no século XIX – quanto o de piano popular. Mas segundo Arroyo (2001), além de ser recente, essa entrada da música popular no modelo de ensino conservatorial se dá marcada por tensões.

Quando se pensa no contexto de aulas particulares, Weber e Garbosa (2015, p. 90) observam que os professores de instrumento, incluindo os de piano, geralmente, são músicos que “tiveram sua formação voltada à carreira de instrumentistas, no caso, em cursos de bacharelado. Grande parte dos bacharéis em instrumento, além de tocarem em orquestras e conjuntos de música de câmara, são professores de seu instrumento”. Porém, segundo elas, grande parte dos bacharelados em instrumento não oferece formação pedagógica que habilite os instrumentistas para a docência.

Além dos professores de piano que possuem bacharelado, apontados por Weber e Garbosa (2015), há um grande número de pianistas com formação técnica nos conservatórios



que também atuam no ensino do instrumento, não apenas em aulas particulares, mas, inclusive, na própria instituição onde se formaram (Arroyo, 2001). Uma questão que tem impacto direto no ensino de piano e afeta tanto a educação conservatorial quanto a educação superior em música é justamente o da maior tradição da música erudita nessas instituições em relação à recente institucionalização do ensino de música popular no Brasil.

De acordo com Stein, Rajobac e Prass (2015), o primeiro curso de bacharelado em música popular do país foi criado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 1989. Na década de 1990, surge outro curso semelhante na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Nos anos 2000, são criados cursos de música popular na Universidade do Estado do Ceará (UECE), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

Essa diferença na história da institucionalização do ensino da música erudita e da música popular motivaram esta pesquisa de opinião sobre ensino de piano, cujos resultados são apresentados aqui. O objetivo deste estudo é investigar a opinião de pianistas, tanto com formação erudita quanto com formação popular, sobre a escolha do repertório a ser trabalhado em aulas de piano, sobre o tipo de notação musical a ser usada e sobre como deve se dar o primeiro contato do aluno com uma música que ele desconhece. Entre esses pianistas cujas opiniões serão apresentadas a seguir, é bom destacar, além de professores e de estudantes de bacharelados em piano erudito e em piano popular, também há professores de piano que tiveram formação técnica no instrumento, cursaram licenciatura em música no ensino superior e publicaram trabalhos sobre ensino de piano em periódicos especializados ou em anais de eventos de educação musical. Também cabe observar que poucas licenciaturas em música do país, entre elas, a da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), possuem habilitação em instrumentos, incluindo o piano.

Desenvolvimento da pesquisa

Este estudo é uma pesquisa de opinião com participantes não identificados. De acordo com o parágrafo único do art. 10 da Resolução 510 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, pesquisas de opinião com participantes não identificados não são registradas e nem avaliadas



pelo sistema CEP/CONEP. Como se trata de um estudo em Educação Musical, considera-se como parte da área de Educação, classificada pelos órgãos gestores entre as Ciências Humanas.

O público alvo de participantes nesta pesquisa é de pianistas, tanto professores quanto estudantes com algum envolvimento com ensino de piano, seja em aulas particulares, na participação em projetos de extensão, em projetos sociais ou em monitorias de piano voltadas para colegas de bacharelado em outros instrumentos, em regência ou em composição. Optou-se por limitar seu escopo a pianistas formados ou em formação no ensino superior, nos cursos de bacharelado em piano erudito, bacharelado em piano popular, licenciatura geral em música e licenciatura específica em piano. A vinculação de potenciais participantes com instituições de ensino superior facilita o contato para o envio de convites para participar da pesquisa.

Foi elaborado um questionário com o uso da ferramenta de formulários do Google Docs, com quinze perguntas divididas em dois blocos. O primeiro bloco de perguntas, sobre o perfil dos participantes, indaga a faixa de idade, o tipo de formação prévia em música antes do ingresso na universidade e o tipo de formação superior em música. O segundo bloco usa a Escala de Likert para verificar o nível de concordância ou discordância em relação a seis afirmações, duas sobre escolha de repertório para as aulas, duas sobre leitura de notação musical e duas sobre o primeiro contato do aluno com uma música que ele não conhece. Silva, Canholato e Miro (2016) apontam que esta é uma das metodologias mais utilizadas em pesquisas quantitativas de áreas como a Educação. Para complementar os dados quantitativos, cada uma daquelas seis questões opinativas era acompanhada de uma possibilidade de justificativa para a resposta. Essas seis questões abertas, com a justificativa para a concordância, discordância ou neutralidade, eram optativas.

Para atingir professores e estudantes de piano que seriam potenciais participantes da pesquisa, foram enviados convites por e-mail para autores de trabalhos publicados sobre ensino de piano em periódicos especializados e em eventos como o Encontro de Educação Musical da Unicamp (EEMU), o Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e o Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM). Tanto os anais desses eventos quanto os periódicos informam os e-mails dos autores dos trabalhos. Diversos participantes também colaboraram com a divulgação do questionário em suas redes de relacionamentos.



Resultados

Foram obtidas, no total, 155 respostas para as questões de preenchimento obrigatório e mais da metade dos participantes também respondeu as questões abertas de preenchimento optativo, justificando seu grau de concordância em relação às afirmações apresentadas. O perfil dos participantes desta pesquisa é apresentado a seguir.

A Tabela 1 mostra que o maior engajamento nesta pesquisa de opinião sobre ensino de piano se deu entre os que têm ou estão cursando bacharelado em piano erudito e licenciatura geral em música, incluindo aqueles que têm dupla ou tripla formação. Cabe lembrar que os cursos de bacharelado em piano popular e de licenciatura específica em piano, no Brasil, ainda são poucos e foram criados mais recentemente, em relação aos cursos de formação da maioria dos que responderam ao questionário.

Tabela 1 – Formação dos participantes em nível superior

Cursos	Número de participantes
Bacharelado em piano erudito	67
Licenciatura geral em música	43
Bacharelado em piano erudito e Licenciatura geral em música	15
Licenciatura específica em piano	13
Bacharelado em piano popular	11
Bacharelado em piano erudito e Licenciatura específica em piano	3
Bacharelado em piano erudito e Bacharelado em piano popular	1
Licenciatura geral em música e Licenciatura específica em piano	1
Bacharelado em piano erudito, Licenciatura geral em música e Licenciatura específica em piano	1

Fonte: Elaborado pelo autor

Para fins comparativos das respostas ao questionário, os participantes foram divididos em cinco grupos com pelo menos dois dígitos no número de seus componentes: bacharelado em piano erudito (67); licenciatura geral em música (43); licenciatura específica em piano (18) – que agrega os treze que têm apenas essa formação e mais cinco que têm outra formação além dessa; dupla formação em piano erudito e licenciatura em música (15); e bacharelado em piano popular (12) – que agrega os onze que têm essa formação e mais um com outra formação além dessa. Veremos na Tabela 2, a seguir, que há um certo equilíbrio entre as faixas etárias do universo geral dos participantes.



Tabela 2 – Faixa etária dos participantes

Faixa etária	Percentual de participantes
Até 29 anos	27,1%
Mais de 50 anos	26,5%
Entre 30 e 39 anos	24,5%
Entre 40 e 49 anos	21,9%

Fonte: Elaborado pelo autor

Quando se faz o recorte por formação universitária, esse relativo equilíbrio se mantém mais ou menos o mesmo apenas no grupo com formação em piano erudito, mas há uma inversão nas duas primeiras posições da tabela: os participantes com mais de 50 anos, nesse grupo, representam 28,8%, e os que têm até 29 anos são 25,8%. No grupo com formação em licenciatura geral em música, os respondentes com mais de 50 anos representam 30,2%. No grupo com dupla formação em piano erudito e licenciatura em música, 40% têm mais de 50 anos; no grupo com formação em licenciatura específica em piano, 38,9% têm entre 30 e 39 anos; e no grupo com formação em bacharelado em piano popular, 75% têm até 29 anos. Na Tabela 3 a seguir, veremos suas formações prévias em música antes do ingresso no ensino superior.

Tabela 3 – Formação prévia em música

Contexto de formação musical	Percentual de participantes
Conservatório de música	52,3%
Aulas particulares	20,0%
Escola particular de música	15,5%
Projeto social ou de extensão	4,5%
Comunidade religiosa	4,5%
Autodidata	2,6%
Escola regular da educação básica	0,6%

Fonte: Elaborado pelo autor

Embora a Tabela 3 aponte que a maioria dos participantes tenha se formado em conservatório antes do ingresso no ensino superior, quando se faz um recorte por curso universitário de formação, no grupo de licenciatura geral em música, 44,2% estudaram em conservatório; e no grupo de piano popular, 41,7% tiveram formação conservatorial. Todos os que tiveram formação autodidata em música antes do ingresso no ensino superior estão nesses dois grupos, 3 na licenciatura em música e 1 no piano popular. No grupo de piano erudito,



50,7% estudaram em conservatório; a formação conservatorial atinge 73,3% no grupo com dupla formação e 75,0% no grupo de licenciatura específica em piano.

A seguir, veremos as opiniões desses participantes sobre questões envolvendo o ensino de piano, começando pela escolha do repertório para as aulas. A Tabela 4 mostra o grau de concordância em relação à primeira das duas afirmações sobre escolha de repertório apresentadas para os participantes. A afirmação é a seguinte: “A escolha do repertório a ser trabalhado em uma aula de piano depende da formação do professor e será predominantemente erudito quando a formação do professor é em piano erudito e predominantemente popular quando a formação do professor é em piano popular”.

Tabela 4 – Grau de concordância com a primeira afirmação sobre escolha de repertório

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	17,2%
Concordam parcialmente	47,0%
Neutros	8,6%
Discordam parcialmente	19,2%
Discordam totalmente	8,0%

Fonte: Elaborado pelo autor

Em todos os grupos, a maioria dos respondentes concorda total ou parcialmente que o repertório predominante na aula de piano depende da formação do professor. Porém, nos grupos de bacharelado em piano erudito e popular, a concordância total chega a 21,2% e 25%, respectivamente. O grupo com o maior percentual de neutralidade é o de dupla formação, com 13,3%. A discordância parcial chega a 23,8% no grupo de licenciatura geral em música e a 25% no grupo de licenciatura específica em piano; neste último, a discordância total chega a 12,5%. No recorte por idade, a maioria dos que têm entre 40 e 49 anos (51,5%) e dos que têm entre 30 e 39 anos (52,6%) concorda parcialmente. O maior percentual de discordância total (15,4%) está entre os que têm mais de 50 anos.

A Tabela 5 a seguir mostra o grau de concordância em relação à segunda afirmação sobre escolha de repertório apresentada aos participantes. A afirmação é a seguinte: “A escolha do repertório a ser trabalhado em uma aula de piano depende do interesse do aluno e de seu gosto musical”.



Tabela 5 – Grau de concordância com a segunda afirmação sobre escolha de repertório

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	15,9%
Concordam parcialmente	62,9%
Neutros	10,6%
Discordam parcialmente	6,0%
Discordam totalmente	4,6%

Fonte: Elaborado pelo autor

Em todos os grupos, a maioria concorda parcialmente que a escolha do repertório depende do interesse do aluno: no grupo de licenciatura específica em piano, 68%; no grupo com dupla formação, 66,7%; no grupo de piano erudito, 65,2%; no grupo de piano popular, 58,3%; e no grupo de licenciatura geral em música, 57,1%. Este último apresenta o maior percentual de discordância total: 11,9%. O grupo com o maior percentual de neutralidade é o de licenciatura específica em piano, com 18,75%. A discordância parcial chega a 16,7% no grupo de piano popular. No recorte por idade, a concordância total atinge 26,8% entre os que têm até 29 anos; a concordância parcial chega a 71% no grupo entre 30 e 39 anos. O grupo com mais de 50 anos apresenta os maiores percentuais de neutralidade (15,4%) e de discordância total (10,2%).

A Tabela 6 adiante mostra o grau de concordância em relação à primeira das duas afirmações sobre leitura de notação musical apresentadas aos participantes. A afirmação é a seguinte: “A leitura da notação musical nas aulas de piano deve envolver, preferencialmente, a divisão tradicional da clave de sol para a mão direita e da clave de fá para a mão esquerda”.

Tabela 6 – Grau de concordância com a primeira afirmação sobre leitura musical

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	19,9%
Concordam parcialmente	37,1%
Neutros	14,6%
Discordam parcialmente	17,2%
Discordam totalmente	11,2%

Fonte: Elaborado pelo autor

Em quase todos os grupos, a maioria dos respondentes concorda total ou parcialmente que a leitura musical na aula de piano deve envolver, preferencialmente, a notação tradicional



em clave de sol para a mão direita e clave de fá para a mão esquerda. A única exceção é o grupo de bacharelado em piano popular, em que a concordância parcial atinge 41,7% e a neutralidade chega a 33,3%. O índice de neutralidade no grupo de licenciatura específica em piano é de 25%. Embora a maioria do grupo de piano erudito concorde total ou parcialmente, esse grupo apresenta o maior percentual de discordância total: 15,1%. No recorte por idade, o maior percentual dos que concordam totalmente é do grupo com até 29 anos (24,4%); a maioria dos que têm entre 40 e 49 anos (51,6%) concorda parcialmente; no grupo entre 30 e 39 anos, 15,8% discordam totalmente.

A Tabela 7 a seguir mostra o grau de concordância com a segunda afirmação sobre leitura de notação musical apresentada aos participantes. A afirmação é a seguinte: “A leitura da notação musical nas aulas de piano pode envolver cifras para a harmonia e clave de sol para a melodia e a divisão tradicional da clave de sol para a mão direita e da clave de fá para a mão esquerda, dependendo do interesse do aluno”.

Tabela 7 – Grau de concordância com a segunda afirmação sobre leitura musical

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	39,7%
Concordam parcialmente	39,7%
Neutros	8,6%
Discordam parcialmente	7,3%
Discordam totalmente	4,7%

Fonte: Elaborado pelo autor

Essa afirmação de que a aula de piano pode envolver tanto a leitura da notação tradicional quanto melodias cifradas foi a que atingiu o maior índice de concordância total, entre todas apresentadas aos participantes. Mas é importante destacar que apenas em um dos grupos, essa concordância total atinge a maioria: o de piano popular (58,4%). Entre os que têm dupla formação, os que concordam totalmente chegam a 46,7%; a concordância total no grupo de licenciatura geral em música é de 42,9%. No recorte por idade, os maiores índices de concordância total estão nos grupos de participantes com até 29 anos (48,8%) e entre 30 e 39 anos (47,4%). A maioria dos que têm entre 40 e 49 anos (51,5%) concorda parcialmente.

A Tabela 8 a seguir mostra o grau de concordância com a primeira de duas afirmações apresentadas aos participantes sobre como deve se dar o primeiro contato do aluno com uma



música que ele desconhece. A afirmação é a seguinte: “Em uma aula de piano, ao apresentar uma música que o aluno desconhece, o primeiro contato com essa música deve se dar pela leitura da partitura”.

Tabela 8 – Grau de concordância com a primeira afirmação sobre contato inicial com peça

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	5,3%
Concordam parcialmente	23,8%
Neutros	15,2%
Discordam parcialmente	28,5%
Discordam totalmente	27,2%

Fonte: Elaborado pelo autor

De todas as afirmações apresentadas aos participantes, esta é a única em que as discordâncias parciais e totais superam as concordâncias. Em quase todos os grupos, a maioria discorda parcial ou totalmente que o primeiro contato do aluno com uma música que ele desconhece deve se dar pela partitura. A exceção é o grupo de piano erudito, em que 25,8% discordam totalmente e 22,8% discordam parcialmente, ou seja, na soma, menos da metade do grupo discorda da afirmação. Esse grupo também tem o maior percentual de concordância parcial: 33,3%. O maior percentual de discordância total é do grupo de licenciatura em piano. No grupo de piano popular, a discordância parcial é de 58,3% e a discordância total é de 25%, 16,7% são neutros e não há uma concordância sequer, nem mesmo parcial. No recorte por idade, os maiores percentuais de discordância total estão nos grupos com mais de 50 anos e entre 40 e 49 anos, ambos com 33,3%. Entre aqueles com até 29 anos, a neutralidade chega a 29,3%.

A Tabela 9 a seguir mostra o grau de concordância com a segunda de duas afirmações apresentadas aos participantes sobre como deve se dar o primeiro contato do aluno com uma música que ele desconhece. A afirmação é a seguinte: “Em uma aula de piano, ao apresentar uma música que o aluno desconhece, o primeiro contato com essa música deve se dar pela audição de uma gravação ou da execução da peça pelo professor”.



Tabela 9 – Grau de concordância com a segunda afirmação sobre contato inicial com peça

Grau de concordância	Percentual de participantes
Concordam totalmente	36,4%
Concordam parcialmente	32,5%
Neutros	17,2%
Discordam parcialmente	9,9%
Discordam totalmente	4,0%

Fonte: Elaborado pelo autor

Em todos os grupos, a maioria concorda parcial ou totalmente que o primeiro contato do aluno com uma música que ele não conhece deve se dar pela escuta. A concordância total chega a 50% no grupo de piano popular, a 46,7% no grupo de dupla formação e a 45,2% no grupo de licenciatura geral em música. O maior índice de neutralidade é do grupo de licenciatura específica em piano: 25%. Embora o grupo de dupla formação apresente um alto índice de concordância total, é também o grupo com maior percentual de discordância parcial: 26,7%. No recorte por idade, o maior índice de concordância total é do grupo com mais de 50 anos: 43,6%. O maior índice de neutralidade é no grupo com até 29 anos: 26,8%. No grupo entre 30 e 39 anos, a discordância parcial chega a 15,8%.

Discussão

Alves, Veloso e Araújo (2023, p. 2) afirmam que as “práticas de ensino do piano no contexto da música popular contemplam a apreensão de padrões rítmicos de diferentes gêneros e estilos musicais, ... habilidades relacionadas a harmonização, arranjo, criação e improvisação musicais, entre outras competências”. Carneiro (2023, p. 4) pondera que “a partitura, normalmente grafada por uma melodia cifrada, não traz especificações objetivas de como executar o ritmo”. Segundo ele, “é preciso compreender, a partir da escuta, as características de cada estilo em sua totalidade, considerando a rítmica parte desse conjunto”, mas “a concretização plena das levadas ao piano nem sempre é um processo simples, de fácil e rápida assimilação para os estudantes” (Carneiro, 2023, p. 2).

No estudo de Arroyo (2001), sobre as tensões envolvidas na inserção da música popular no Conservatório de Uberlândia, há o depoimento de um professor que ingressou na instituição em 1980, para dar aulas de guitarra e cavaquinho. Segundo o relato desse professor,



a constatação de que os alunos de piano do conservatório não conseguiam tocar música popular levou à proposta de criação da disciplina de piano popular no final da década de 1990. A pesquisa de Alves, Veloso e Araújo (2023) com 20 estudantes de piano popular, em diferentes níveis de formação, de um conservatório de Curitiba (PR), aponta que 9 dominavam a leitura de cifras e da notação tradicional em partitura, 7 dominavam apenas a leitura da notação tradicional e 4 dominavam apenas a leitura de cifras.

Se pensarmos no contexto das aulas particulares de piano, que já aconteciam no Brasil antes da chegada do modelo conservatorial e, segundo Tomanik (2011), deixaram de ser restritas à elite e passaram a incluir pessoas da classe média no início do século XX, a escolha do repertório para as aulas está diretamente ligada ao tipo de notação a ser trabalhada. Na série *Real Book*, organizada por Leonard Hal, apontada por Lima e Santos (2023) como a mais utilizada no ensino de piano popular, embora algumas músicas tenham notação tradicional em clave de sol e clave de fá, predominam as melodias em clave de sol acompanhadas de cifras. Essa notação de melodias cifradas também predomina nos *songbooks* de música popular brasileira editados por Almir Chediak.

Aquela dificuldade de pianistas com formação erudita executarem peças populares, apontada por um professor de conservatório no estudo de Arroyo (2001), pode ter relações, entre outras coisas, com a questão rítmica sinalizada por Carneiro (2023). Enquanto a notação tradicional usada na música erudita já define na escrita o que deve ser executado pela mão esquerda e pela mão direita no piano, a notação predominante na música popular, com melodias cifradas, exige um trabalho de arranjo, para cada executante, tanto em relação à levada rítmica quanto às diversas possibilidades de montagem dos acordes. Segundo Carneiro,

se comparado ao piano erudito, que possui um amplo programa de estudos estruturado e organizado, o ensino do piano popular ainda não aponta direções metodológicas sistematizadas que englobem não apenas os conteúdos, mas estratégias metodológicas para seu desenvolvimento em sala de aula. Desse modo, é possível perceber uma lacuna na literatura do piano popular, sobretudo no campo da pedagogia do instrumento (Carneiro, 2023, p. 3).

Ao considerarmos a observação de Weber e Garbosa (2015) sobre os bacharéis em instrumento que atuam como professores, o fato de ser recente a criação dos bacharelados em música popular, conforme apontam Stein, Rajobac e Prass (2015), sugere que há muito mais



professores de piano com formação erudita do que popular. Os bacharelados em piano erudito existem a mais tempo e são mais numerosos.

Depoimentos dados por participantes nesta presente pesquisa mostram que a dificuldade de estudantes de piano erudito em executar peças populares, mencionada por um professor de conservatório no estudo de Arroyo (2001), também se estende a limitações de professores com formação erudita para trabalhar com repertório popular no ensino de piano.

Considerações finais

Esta pesquisa mostrou que os grupos que mais concordam que a escolha do repertório para as aulas de piano depende da formação do professor são os de bacharelado em piano erudito e piano popular. Vimos acima que muitos bacharéis se tornam professores do instrumento. Embora algumas pessoas com formação erudita transitem pelo repertório popular e pessoas com formação popular transitem pelo repertório erudito, entre as respostas abertas, que eram optativas, há depoimento de estudante de piano popular sobre dificuldades de professores com formação erudita para ensinar esse tipo de repertório e depoimento de professor com formação erudita que reconhece sua dificuldade com a notação mais usada no repertório popular.

Já nos depoimentos dos grupos de licenciatura geral em música e licenciatura específica em piano, além de haver a tendência a defender uma formação integral do aluno, que envolva tanto o repertório erudito quanto o popular, há a sugestão de que os professores têm que estar abertos a estudar aquilo que não dominam, seja a leitura por cifras ou as levadas rítmicas da música popular, e podem fazer isso através de cursos de formação continuada, mas também por conta própria.

Embora seja um grupo pequeno dentro do universo geral de participantes, os do bacharelado em piano popular apresentaram respostas bastante significativas, como, por exemplo, o fato de ser o único grupo em que a maioria concorda totalmente que a leitura, nas aulas de piano, pode envolver tanto as melodias cifradas quanto a notação tradicional.

A vivência musical, através da escuta que antecede a leitura de partitura, é algo defendido nos depoimentos tanto por pessoas dos grupos de licenciatura quanto de bacharelado. E alguns depoimentos valorizam mais a execução do professor, como estímulo para o



encantamento do aluno pela peça a ser trabalhada, do que a audição de gravações, já que ele é a primeira referência para o aluno.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o debate sobre ensino de piano e estimular novos estudos complementares quem venham a preencher as inevitáveis lacunas que aqui ficam ou tentar responder novos questionamentos que sempre podem surgir no campo da educação musical com foco no ensino de piano.

Referências

ALVES, Julia Soares; VELOSO, Flávio Denis Dias; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Motivação para a aprendizagem da leitura musical tradicional: um estudo com pianistas no contexto da música popular. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, n. 26, 2023, Ouro Preto. *Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*, Ouro Preto: UFOP, 2023, p. 1-10. Disponível em https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1706/public/1706-7170-1-PB.pdf. Acesso em 24 jan. 2024.

ARROYO, Margarete. Música popular em um Conservatório de Música. *Revista da ABEM*, Brasília, v. 9, n. 6, p. 59-67, 2001. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/441>. Acesso em 26 jan. 2024.

BRASIL. Resolução no 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 29 jan. 2024.

CARNEIRO, Luciano de Barros. A rítmica na pedagogia do piano popular: estratégias metodológicas para o desenvolvimento de levadas da Música Popular Brasileira na aprendizagem pianística. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, n. 26, 2023, Ouro Preto. *Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*, Ouro Preto, 2023, p. 1-15. Disponível em <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxvicongresso/XXVICongresso/paper/viewFile/1500/1106>. Acesso em 31 jan. 2024.

LIMA, Wendell. Müller dos Santos; SANTOS, Antônio Rafael Carvalho dos. O jazz como via principal no ensino de piano popular: desdobramentos e implicações. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, n. 26, 2023, Ouro Preto. *Anais do XXVI Congresso Nacional da ABEM*, Ouro Preto, 2023, p. 1-18. Disponível em:



https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1604/public/1604-7217-1-PB.pdf. Acesso em 02 fev. 2024.

SILVA, Fernando Marcos Carvalho da; CANHOLATO, Camila Santos; MIRO, José Maria Ribeiro. Escala de likert como metodologia nas pesquisas sobre educação. In: SEMANA DAS LICENCIATURAS DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE, n. 4, 2016, Campos dos Goytacazes. *Anais da IV Semana das Licenciaturas do Instituto Federal Fluminense*, Campos dos Goytacazes, 2016, p. 1-2.

STEIN, Marília; RAJOBAC, Raimundo; PRASS, Luciana. Apresentação. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE MÚSICA POPULAR NA UNIVERSIDADE, n. 1, 2015, Porto Alegre. *Anais do I Encontro Brasileiro de Música Popular na Universidade*, Porto Alegre, 2015, p. 14.

TOMANIK, Aline Maria. *Um olhar sobre o ensino de piano para adultos*. Belo Horizonte, 2011, 115f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

WEBER, Vanessa; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. A construção da docência do professor de instrumento: um estudo com bacharéis. *Revista da ABEM*, v. 23, n. 35, p. 89-104, 2015. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/557>. Acesso em 07 fev. 2024.

